



O uso da tecnologia para manter o morto “vivo”¹

Milena do Socorro Oliveira ALBUQUERQUE²
Instituto de Estudos Superiores da Amazônia – IESAM-Pa
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio

Resumo

Para grande parte da sociedade, a morte ainda é um tabu. O medo que inspira é grande, de difícil aceitação e faz com que o homem busque outras formas de manter o morto “vivo”. Uma dessas formas, que elegemos para análise deste artigo, são os hologramas aplicados a show, utilizados para homenagear artistas falecidos. Essa técnica é fruto do avanço tecnológico e surge a partir das tecnologias digitais que vêm imprimindo novos significados aos ritos fúnebres. O objetivo deste artigo é examinar a representação dos hologramas na sociedade contemporânea, como novo processo de manter o morto vivo, através de imagens, sons e interatividade com o público que continua prestigiando seu trabalho. Para isso, analisamos três produções holográficas: Cazuza, Renato Russo e Michael Jackson.

Palavras-chave

Tecnologias digitais; internet; holograma; morte.

Introdução

Com a tecnologia, os meios de comunicação evoluíram e se tornaram mais eficientes. São componentes cada vez mais presentes em nossa vida. Hoje fazem parte de nossas atividades diárias e nos proporciona receber e enviar informações em tempo real.

Vivencia-se um mundo tecnológico bastante diversificado e variado no que diz respeito a novidades tecnológicas, que invadem o cotidiano das pessoas, seja no ambiente de trabalho, na vida pessoal, nas ruas ou em suas residências.

O fenômeno das redes sociais em ambiente virtual é algo relativamente recente, basicamente o tempo da internet. Apesar disso, tem exercido grande influência na vida

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Comunicação Multimídia do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientador: José Carlos Rodrigues. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará. Email: milla.albuq@hotmail.com



das pessoas, que dedicam considerável tempo neste novo ciberespaço. Levy (1999) afirma que o virtual é a característica essencial do ciberespaço. Daí apresenta um conceito sucinto e claro:

[...] É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17)

Sabe-se que se trata de um fenômeno global, onipresente e expressa um modo de ser inteiramente novo de nossa sociedade. Para Levy (1999), esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. “A perspectiva da digitalização geral das informações, provavelmente, tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do século XX” (LEVY, 1999, p. 93)

Especificadamente, enquanto objeto de estudo, nos referimos aos Hologramas, uma das práticas contemporâneas relacionadas à morte. A essas técnicas, mediadas pelas tecnologias digitais, indicam mudanças no comportamento das pessoas em relação ao tema “Morte”. Observar ou mesmo participar dos shows holográficos de artistas falecidos já demonstra uma maneira de identificar essas transformações.

Logo, este artigo tem o objetivo de examinar os Hologramas, uma das novas tendências tecnológicas utilizadas para lembrar ou até mesmo interagir com o morto. Um recurso bastante solicitado em shows musicais, realizados para homenagear artistas, já falecidos, como no caso dos cantores: Cazuza, Renato Russo e o rei do pop, Michael Jackson, que se consagraram na música e com o avanço da tecnologia estão de “voltar” aos palcos.

A Morte

Estudos revelam que a “Morte” é vista de forma aterrorizante, estranha e distante (ARIÈS, 1981), mas em algumas culturas, seu significado é de renascimento, um momento de grande alegria e renovação. A morte não tinha apenas o lado fúnebre que



se conhece hoje, também tinha algo alegre, irreverente e democrático (RODRIGUES, 2006)

Na Idade Média, a morte era uma cerimônia pública e organizada pelo próprio moribundo, que reunia seus familiares e amigos na simplicidade com que o rito era realizado. Na visão de Rodrigues (2006) era um fenômeno comum, costumeiro, que causava uma dor tolerável, posto que não fosse uma ruptura entre o aqui e o além e os ritos eram comunitários. Uma relação de proximidade entre vivos e mortos, um período que Ariès o chamou de “Morte Domada”.

A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome (REIS, 2012, p. 40)

Apesar dessa familiaridade, Ariès (2012) relata que, na sociedade medieval, muitos cristãos temiam a proximidade com o morto e por isso mantinham distância. “O mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos” (ARIÈS, 2012). E essa visão se refletia nos objetivos dos cultos funerários que era impedir a volta dos defuntos que desejassem perturbar os vivos. E em consequência disso, os cemitérios foram situados fora das cidades, à beira das estradas.

Ariès (2012) conta que São João Crisóstomo foi um grande incentivador dos cristãos em se oporem ao hábito de se erguer túmulos dentro da cidade. Contudo, foi através dos cultos dos mártires africanos - enterrados nas necrópoles extraurbanas, comuns aos cristãos e pagãos – que se ergueram as sepulturas como forma de venerá-los. A partir dessa veneração, o povo passou a desejar que seus entes queridos fossem sepultados próximos aos mártires como forma proteção e purificação da alma. “Os mártires – explica Maxime de Turin, autor do século V – cuidarão de nós quando tivermos deixado nossos corpos” (ARIÈS, 2012, p. 42)

Em função dessa crença, foi construída a primeira basílica, em torno da qual os cristãos desejavam ser enterrados perto dos santos. E segundo Ariès (2012) foi o momento em que desapareceu a distinção entre os bairros periféricos e a cidade, sempre proibida às sepulturas.

A separação entre a abadia cemiterial e a igreja catedral foi então apagada. Os mortos, já misturados com os habitantes dos bairros populares da periferia, que se haviam desenvolvidos em torno das



abadias, penetravam também no coração histórico das cidades.
(ARIÈS, 2012, p. 43)

A partir do século V, os moribundos passaram a ser enterrados nas igrejas que frequentavam ou em cemitérios contíguos absolutamente integrados à vida da comunidade. Reis (1991) relata que os Cemitérios, embora contra as leis municipais e a decência religiosa, frequentemente serviam como depósitos de lixo, sanitário público, namoros clandestinos, feiras, bailes e morada de mendigos. Jacques Heers (citado por REIS, 1991, p. 73) associa igrejas e cemitérios paroquiais aos locais de integração entre o sagrado e o profano, espaços onde aconteciam festas populares e carnavais franceses.

Embora fosse uma época que não houvesse separação entre a vida e a morte, entre o sagrado e o profano há quem temesse a morte, principalmente, a sem aviso, sem preparação, repentina, trágica, sem funeral e sem sepultura adequados. Ritos que eram experimentados por vivos e mortos de maneira a marcar com ênfase a passagem para o outro mundo (REIS, 1991, p.74)

“Acreditava-se em uma vida além da morte que não ia necessariamente até a eternidade infinita, mas que promoveria uma conexão entre a morte e o final dos tempos.” (ARIÈS, 2012, p. 52)

Rodrigues (2006, p. 27-28) explica, claramente, que o absurdo da finitude humana reside em parte no fato de que a morte física não basta para realizar a morte nas consciências. As lembranças daquele que morreu recentemente continuam sendo uma forma de sua presença no mundo. E esta presença só arrefece aos poucos, por meio de uma série de dilaceramentos de que são vítimas os sobreviventes. A consciência não consegue pensar o morto como morto e por isso não pode se furtar a lhe atribuir uma certa vida.

Para DaMatta (1985), “as pessoas morriam e acabavam para o mundo dos vivos, elas iam para um *outro mundo* de onde podiam não só retornar, mas também vigiar, atrapalhar ou ajudar a vida dos vivos que ficavam aqui embaixo”. Matos-Silva (2011), afirma que após a morte se pensava que a “vida teria continuação em ‘outro lugar’, sempre visto como um lugar melhor que o mundo dos vivos”.

No intuito de ritualizar a passagem dos moribundos do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, as irmandades eram as instituições que cuidavam com desvelo dos funerais e das missas pelas almas dos associados. “Os ricos, sobretudo, inspirados na morte dos soberanos, faziam de seus funerais e missas fúnebres um espetáculo e



especificavam tudo cuidadosamente em testamento”, afirma Reis (1991). Tudo isso era feito para que os mortos fossem enterrados, cuidadosamente, segundo os ritos adequados, assim não representariam perigo espiritual ou físico especial.

Ao longo do século XVIII, na Europa, em especial França, os homens mudaram seu comportamento diante da morte e dos mortos. Os funerais tornaram-se mais simples e econômicos, diferenciando dos funerais luxuosos da era barroca.

Como explica Ariès (2012) “o homem das sociedades ocidentais tende a dar à morte um sentido novo. Exalta-a, dramatiza-a, deseja-a impressionante e arrebatadora”. Na concepção de Reis (1991) era a “morte romântica” em sua dimensão literária, mas que no cotidiano doméstico desejava-se privada, recôndita.

“Morte Selvagem” foi a expressão dada por Ariès (citado por REIS, 1991) para definir essa nova modalidade, que outros autores chamaram de individualismo. Velados e enterrados privadamente, pelo círculo íntimo da família, os mortos, nesse período, começaram a ser encarados como um tabu – tema sobre o qual não se deve falar e no qual as pessoas preferem não pensar, tendo em vista que não há resposta definitiva e a capacidade de lidar com as incertezas não é uma característica da sociedade ocidental atual, explicam Bianchini e Oikawa (2013)

DaMatta (1985), relata que a morte era um problema filosófico e existencial moderno.

De fato, saber se a morte pode ser vencida, conhecer o significado da morte, ficar profundamente angustiado com o fato paradoxal de que a morte é a única experiência social que não pode ser transmitida, discutir a imortalidade, o tempo, a eternidade e, sobretudo, tomar a morte como algo isolado, é uma questão moderna certamente ligada ao individualismo como ética do nosso tempo e das nossas instituições sociais. (DAMATTA, 1985, pp.145-146)

Feuerbach (citado por DAMATTA, 1985) faz uma reflexão sobre a morte e a imortalidade quando diz que o grande evento moderno foi a autonomização do indivíduo enquanto valor social e moral positivo, o que fez com que a antiga comunidade fosse irremediavelmente fraturada.

Segundo DaMatta (1985), “a consciência da individualidade vai provocar o aparecimento da morte e vai fazer surgir à imortalidade como uma questão filosófica e religiosa fundamental debaixo do conceito de salvação”.

De um lado há sistemas que se preocupam com a morte. É claro que não se pode estabelecer um corte radical, mas há tendência para ver a morte como importante, descartando o morto; e uma outra que tende a ver o



morto como básico, descartando obviamente a morte (DAMATTA, 1985, p. 147)

É o que Rodrigues (2006) afirma, sob o ângulo humano, que a morte não é apenas a destruição de um estado físico e biológico. Ela é também a de um ser em relação, de um ser que interage. O vazio da morte é sentido primeiro como um vazio interacional.

Com base nesse contexto, percebe-se que a morte ainda constitui um desconforto universal; e o que mudou foi o modo de conviver e lidar com ela. E nessa era da difusão de novas tecnologias de informação e comunicação presenciamos importantes transformações sociais e inovações tecnológicas que invadem o cotidiano das pessoas.

Certas práticas tecnológicas têm demonstrado o modo como as pessoas têm lidado com a morte, principalmente as mediadas pelas tecnologias digitais, em destaque para utilização dos hologramas aplicados a shows musicais, no intuito de homenagear artistas falecidos.

A tecnologia como ferramenta de aproximação como o morto

A revolução tecnológica tem transformado absolutamente a vida cotidiana das pessoas. E isso tem se refletido no comportamento do homem moderno, que no desejo de superar a morte, busca nos dispositivos eletrônicos e digitais novos mecanismos de como lidar com ela.

Segundo Rezende (2009), na contemporaneidade, tais dispositivos possibilitam a veiculação de mensagens e imagens em um mesmo suporte – o computador – e dessa tecnologia, decorre uma nova mídia – a Internet – que passou a implicar uma qualificação da vida, que consiste em uma outra dimensão da realidade, com novas formas de perceber, pensar e formular a “materialidade”.

Os hologramas, aplicados a shows de artistas falecidos, têm demonstrado interesse nessa “materialidade” que Rezende se refere, no momento em que provoca ou facilita a interação do morto com o público durante a realização de uma apresentação musical. Um recurso que na concepção das tecnologias digitais possibilita a “volta” do morto no seio da sociedade.

Na concepção de Freire (2006) algumas mudanças, na compreensão do papel do indivíduo nas sociedades modernas, contribuíram para uma maneira diferenciada de negar a morte. “Não são mais as projeções da ideia de continuidade em um plano



metafísico que asseguram a amenização para o enfrentamento da morte. Negar a mortalidade, atualmente, é viver como se ela não existisse” (FREIRE, 2006, p. 28). Assim, como Rodrigues (2006), diz que uma imagem nova da morte está aparecendo entre nós, característica exclusiva de nossa civilização: a morte é um desaparecimento.

Diante de uma nova revolução midiática, como define Manovich (2006), a interface do homem com o computador, tem transformado a visão de mundo, numa vertente tecnológica representada por toda uma mudança cultural nas formas de produção, distribuição e comunicação mediadas pelo computador.

Es casi indiscutible que esta nueva revolución es más profunda que las anteriores, y que solo nos estamos empezando a dar cuenta de sus efectos iniciales. De hecho, la introducción de la imprenta afectó sólo a una fase de la comunicación cultural, como era la distribución mediática. De la misma manera, la introducción de la fotografía sólo afectó a un tipo de comunicación cultural: las imágenes fijas. En cambio, la revolución de los medios informáticos afecta a todas las fases de la comunicación, y abarca la captación, la manipulación, el almacenamiento y la distribución; así como afecta también a los medios de todo tipo, ya sean textos, imágenes fijas y en movimiento, sonido o construcciones espaciales (MANOVICH, 2006, p. 04)

O desenvolvimento das tecnologias midiáticas possibilitou a modificação do diálogo do indivíduo com tudo o que o cerca, inclusive em campos mais delicados da vida, como na morte. Recentemente temos presenciados produtos tecnológicos como os hologramas de cantores falecidos que voltam aos palcos graças a essa nova tecnologia.

Para França (2002, p. 57), “é o surgimento de novos fenômenos, a mudança da realidade que força o pensamento a tentar novos caminhos”. A comunicação hoje deixou de ser linear, ela se tornou mutável conforme a tecnologia avança se molda de forma diferente a cada novidade.

A internet conseguiu convergir todos os meios de comunicação para um único canal. Conforme Rezende (2009), essa midiatização desenvolveu um novo modo de presença do sujeito no mundo, em que o próprio indivíduo tende a se converter em realidade midiática, tornando-se imagem e *medium* e investindo em uma imersão virtual na esfera significativa das regras do jogo da visibilidade pública vigente.

Silvestre e Aguilera (2006), destacam que a internet se tornou um espaço majoritário e vários serviços para o dia a dia no “mundo real” migraram para/ou nasceram no mundo virtual, e, longe de representar um desligamento do local e a



identidade no mundo presencial, o virtual funciona, cada vez mais, como uma extensão da vida cotidiana no “mundo real”, e não como uma alternativa.

Dizard (2000) já destaca como fator maior dessas mudanças na mídia, a convergência tecnológica na produção e distribuição de informações propiciada pela digitalização. Com o advento da internet foi possível pensar não apenas na difusão da informação, mas também no compartilhamento de imagens, sons e a interação em tempo real. Por isso, a nova mídia nada mais é que um fenômeno ou tendência mundial, onde todos os componentes hibridamente se convertem para o mesmo fim, tendo em comum a computação e a internet como principais tecnologias.

A comunicação à distância está sendo cada vez mais mediada por computadores, isto é, as informações são produzidas e estocadas por meios digitais e distribuídas velozmente por uma rede única de dados. O padrão anterior da indústria era “a mídia de massa que, historicamente, significa produtos de informação e entretenimento centralmente produzidos e padronizados, distribuídos a grandes públicos através de canais distintos”. (DIZARD, 2000, p. 77)

Para Dizard (2000), este padrão divide os homens em produtores e receptores, pois produz, seleciona e divulga as informações de acordo com os interesses dos receptores e dos veículos, assegurando às empresas de mídia a limitação da concorrência.

O princípio da transcodificação foi uma maneira de começar a pensar em uma teoria de software, na opinião de Manovich (2006). Neste caso, os exemplos são o "interface" e "base de dados". Por último, mas não menos importante, para além da análise dos princípios lógicos e "materiais" de hardware e software, Manovich examina a interface entre o homem e o computador, bem como as interfaces de aplicativos que são usados para criar objetos das novas mídias e para acessá-los.

O Macintosh, primeiro computador pessoal, lançado em 1984 pela empresa Apple, foi uma das grandes transformações tecnológicas. Stephen Johnson (citado por Manovich, 2006, p. 22), afirma:

En los años noventa, a medida que iba creciendo la popularidad de Internet, el ordenador digital cambió el papel que tenía de una tecnología en concreto (una calculadora, un procesador de símbolos, un manipulador de imágenes, etc.) por el de filtro para toda la cultura, como una forma que mediatizaba todos los tipos de producción artística y cultural. A medida que la pantalla del navegador de Internet sustituía las del cine y el televisor, la pared de la galería de arte, los libros y las bibliotecas, todos a la vez, se puso de manifiesto la nueva



situación: toda la cultura, pasada y presente acababa siendo filtrada por el ordenador, y por esa determinada interfaz con la que se comunica con el hombre (MANOVICH, 2006, p. 22)

A interface desempenha um papel crucial na sociedade da informação. Para Manovich (2006), estamos em uma sociedade onde as atividades de trabalho e lazer não só implicam um aumento do uso de computadores, mas também convergem para as mesmas interfaces.

E nesse universo tecnológico e suas interfaces, a Holografia é uma revolucionária técnica de imagem 3D, que tem sido desenvolvida para o armazenamento e a recuperação da amplitude e da fase da luz dispersa por objetos. Surgiu em 1948, pelo húngaro Dennis Gabor, vencedor do Prêmio Nobel de Física, em 1971, mas só nos anos 60 foi realizada pela primeira vez com a utilização do laser.

Como uma nova tendência tecnológica, a computação de um holograma chega bem perto de uma operação em tempo real. Segundo o Site Inovação Tecnológica³, “a holografia 3D interativa e em tempo real, gerada por computador, será uma realidade no futuro próximo”.

Para o site Ciência Viva⁴, os Hologramas são registros de objetos que quando iluminados de forma conveniente permitem a observação dos que lhe deram origem. Ao contrário da fotografia que apenas permite registrar as diferentes intensidades de luz proveniente da cena fotografada, os hologramas registram também a fase da radiação luminosa proveniente do objeto. Nesta fase está contida a informação sobre a posição relativa de cada ponto do objeto iluminado, permitindo reconstruir uma imagem com informação tridimensional.

Para a construção de um holograma é necessário fonte de luz laser para a iluminação do objeto que se pretende registrar. Hoje em dia, técnicas de projeção de imagem através de telas de cristais líquidos ou matrizes de micro espelhos com dimensões muito reduzidas, permitem a preparação por meios informáticos de objetos e assim fazer hologramas desses objetos que não existem fisicamente.

A luz proveniente do laser é dividida em dois feixes, sendo um dos feixes (feixe objeto), utilizado para iluminar o objeto. A luz refletida e dispersa pelo objeto e a luz proveniente do segundo feixe (feixe referência) é depois recolhida simultaneamente pela superfície onde se vai registrar o holograma.

³ Disponível: http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=hologramas-imagens-3d-realisticas&id=010150100504#.UxeOE_1dXcU. Acesso: 05/03/2014.

⁴ Disponível: <http://www.cienciaviva.pt/projectos/pulsar/hologramas.asp>. Acesso: 01/03/2014



A tecnologia dos Hologramas aplicada aos shows musicais

Os hologramas têm sido utilizados entre as tecnologias mais esperadas por fãs de cantores e outras obras de ficção científica. A técnica já é possível há algum tempo, mas é extremamente cara para ser aplicada e pouco eficiente, além de permitir apenas a criação de imagens estáticas.

A grande novidade nesse campo é que alguns pesquisadores já estão conseguindo romper algumas dessas barreiras. Desenvolveram uma técnica barata e mais eficiente de projetar hologramas a partir da manipulação da luz através de ondas acústicas. Mesmo assim, os desafios de hardware persistem. “É bastante complicado utilizar placas gráficas atuais que conseguem lidar com imagem dessa forma, já que o procedimento é completamente diferente do que se vem fazendo até hoje”⁵.

A Provision3DMedia⁶, de Los Angeles, quer arrecadar US\$ 950 mil para comercializar o projeto holográfico em tamanho real. A companhia já vende uma máquina chamada HoloVision que apresenta hologramas com entre três polegadas até 52 polegadas de tamanho. O presidente da empresa, Curt Thornton, quer conseguir fundos para lançar uma versão que apresente imagens em tamanho real, realizando testes até que se consiga um resultado satisfatório. Uma versão do holograma que o usuário consegue interagir já é produzida pela empresa.

Segundo Thornton “terá que ser criada outra tecnologia de iluminação, diferente da usada atualmente. Em vez de usar laser, ‘uma nova fonte de iluminação terá que ser criada’ para fornecer a luz necessária para se recriar um ser humano em tamanho real em um holograma”.

Em 2012, realizou-se o primeiro holograma, em ambiente digital com a sensação de estar diante do artista. Foi durante o show do rapper Snoop Dogg que dividiu o palco do festival californiano Coachella com Tupac, morto em 1996. A partir desta data, a tecnologia da holografia foi bastante solicitada para reviver obras de artistas nacionais e internacionais, como os shows de Cazuza (1958-1990), Renato Russo (1960-1996) e Michael Jackson (1958-2009).

Com direção de Jodele Larcher, a apresentação do holograma de Cazuza apareceu nos 20 minutos finais do show, quando ele canta cinco músicas (*Exagerado*,

⁵ Disponível: <http://www.tecmundo.com.br/holografia/41089-nova-tecnologia-utiliza-ondas-acusticas-para-criar-hologramas.htm#ixzz2uiB8mU22>. Acesso: 25/02/2014.

⁶ Disponível: <http://www.3dfocus.co.uk/virtual-reality-2/provision-3d-media-hope-to-develop-life-sized-holograms/13560>. Acesso: 02/03/2014.



Faz Parte do Meu Show, O Tempo Não Para, Brasil e Amor, Amor) e interage com a plateia. “Encaramos essa parte como um *pocket* show dentro do espetáculo”, relata George Israel, compositor e amigo de Cazuza⁷. Ele também explica como aconteceu a produção do show: “Pegamos falas dele, algumas políticas, outras com aquela ação impulsiva, com aquele deboche”. No restante do espetáculo, outros artistas assumiram os vocais para entoar pérolas da carreira solo do homenageado e também da banda Barão Vermelho.

O projeto do show holográfico foi idealizado por Omar Marzagão e George Israel, membro do Kid Abelha e parceiro de composições de Cazuza. De acordo com a produtora, o holograma começou a ser desenvolvido em 2011 pela empresa francesa 4Dmotion, com base em fotos e vídeos de arquivo de Cazuza, e nos movimentos de um dublê para reproduzir a expressão corporal do músico. [Idem]

Giuliano Manfredini, filho de Renato Russo, foi quem idealizou o show "Renato Russo Sinfônico", realizado no estádio Mané Garrincha, em Brasília. Segundo Manfredini, o holograma precisava de estrutura com características bem específicas para alcançar em detalhes da reprodução do cantor. “Medidas exatas, altura, distância, todo esse detalhamento técnico que tem de ser seguido”, explica o cenógrafo Andrey Hermuche⁸.

Outro artista beneficiado, pela técnica do Holograma aplicado a shows, foi o rei do pop, Michael Jackson, falecido em 2009. Em 2013, o astro foi “ressuscitado”, na forma de holograma, no palco de Las Vegas. Michael Jackson dançou e interagiu com os dançarinos no palco, diferente do show de Shakur que apenas caminhou na direção de Snoop Dogg, com três metros de distância.

A tecnologia holográfica é aplicada para dar a impressão de que há uma pessoa de verdade no palco, que interage com o público. Foi o que aconteceu nos shows dos três cantores citados a cima. Mas há quem condene tal iniciativa, como no caso do crítico e produtor musical Regis Tadeu, que fez críticas severas aos hologramas:

É impressionante ver o que a falta de noção pode propiciar em termos de “vergonha alheia” quando o assunto em pauta é “homenagens”. E isto piora muito quando o lance é feito para prestar algum tipo de “tributo póstumo”. Só que as coisas estão fugindo ao controle quando tais eventos fazem uso de uma das maiores picaretagens já

⁷ Disponível: <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,espetaculo-projeta-cazuza-em-holograma,1101882,0.htm>. Acesso: 02/03/2014.

⁸ Disponível: <http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/musica/2013-06-28/holograma-de-renato-russo-vai-cantar-com-orquestra-em-estadio-de-brasilia.html>. Acesso: 01/03/2014.



presenciadas no *show business*: os tais hologramas, em que artistas já falecidos são mostrados no palco por meio de imagens das mais variadas formas e de modo interativo com um grupo de músicos⁹.

Segundo Wall Street Journal¹⁰, o tema dos hologramas de artistas mortos está em pauta desde que a imagem de Tupac se apresentou ao lado de Dr. Dre e Snoop Dogg. Uma aparição que revolucionou o formato de shows musicais, registrada em vídeo e que gerou grande repercussão na mídia.

O blog Gizmodo¹¹ afirma que o holograma é fruto de um truque óptico chamado “Fantasma de Pepper” (por causa de seu criador, John Pepper), que já era usado no século XIX. A técnica se baseia no uso de ângulos corretos do vidro, com transparências e reflexo, para fazer uma imagem presa numa tela parecer tridimensional.

O fato é que as pessoas não acreditam que a tecnologia esteja tão avançada a ponto de produzir imagens tão perfeitas e que aparição do além fosse impressionar tanto. Para Regis Tadeu, esse sucesso se dar em função das pessoas preferirem vivenciar qualquer experiência de modo indireto, ignorando a realidade que se desenrola ali na sua frente. É uma espécie de “voyeurismo acomodado”.

Referências

a) Bibliográficas

ARIÉS, P. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

DAMATTA, R. “Morte: A morte nas sociedades relacionais: reflexão a partir do caso brasileiro” in *A casa e a rua*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DIZARD, W. *A Nova Mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. *O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto*. Natal: EDUFRN, 2006.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2009.

MANOVICH, L. *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: La imagen en la era digital*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MATOS-SILVA, M. *Teclando com os mortos: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto*. Tese de doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

⁹ Disponível: <http://br.celebridades.yahoo.com/blogs/mira-regis/holograma-pat%C3%A9tico-e-desafina%C3%A7%C3%B5es-marcam-homenagem-renato-russo-183536286.html>. Acesso: 28/02/2014.

¹⁰ Disponível: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/31814/holograma-de-michael-pode-aparecer-em-terceira-referencia=buscas-lista>. Acesso: 02/03/2014.

¹¹ Disponível: <http://pipocamoderna.virgula.uol.com.br/holograma-do-rapper-tupac-revoluciona-shows-de-musica-pop/168955>. Acesso: 02/03/2014.



MORIN, E. O Homem e a Morte. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

REIS, J. J. (1991) A morte é uma festa. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, J. C. “Subjetividades, sentidos, sentimentos” in *Comunicação e Significado*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

REZENDE, R. “A multiplicação dos mortos”: comemoração e constituição da memória nas comunidades virtuais. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2009, Curitiba. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: Intercom, 2009.

BIANCHINI, A. e OIKAWA, E. “Dos Velórios Online aos Diamantes de Cinzas: a Ressignificação dos Rituais Fúnebres a partir das Tecnologias Digitais”. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2013, Manaus. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus: Intercom, 2013.

SILVESTRE, J. C e AGUILERA, N. V. Morte e luto no ciberespaço. Anais do II Simpósio da ABCiber. São Paulo, 2006. Disponível:

<http://www.cencib.org/simpósioabciber/PDFs/CC/Nuricel%20Villalonga%20Aguilera%20e%20Jose%20Carlos%20Silvestre.pdf>. Acesso em 04/03/2014.

b) Sites:

Hologramas. Disponível: <http://www.cienciaviva.pt/projectos/pulsar/hologramas.asp>. Acesso: 01/03/2014

Nova tecnologia utiliza ondas acústicas para criar hologramas.

Disponível:<http://www.tecmundo.com.br/holografia/41089-nova-tecnologia-utiliza-ondas-acusticas-para-criar-hologramas.htm#ixzz2uiB8mU22>. Acesso: 25/02/2014.

Provision 3D Media hope to develop life sized holograms.

Disponível:<http://www.3dfocus.co.uk/virtual-reality-2/provision-3d-media-hope-to-develop-life-sized-holograms/13560>. Acesso: 02/03/2014.

Espectáculo projeta Cazuza em holograma.

Disponível:<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,espetaculo-projeta-cazuza-em-holograma,1101882,0.htm>. Acesso: 02/03/2014.

Holograma de Renato Russo vai "cantar" com orquestra em estádio de Brasília.

Disponível:<http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/musica/2013-06-28/holograma-de-renato-russo-vai-cantar-com-orquestra-em-estadio-de-brasilia.html>. Acesso: 01/03/2014.

Holograma patético e desafinações marcam ‘homenagem’ a Renato Russo.

Disponível:<http://br.celebridades.yahoo.com/blogs/mira-regis/holograma-pat%C3%A9tico-e-desafina%C3%A7%C3%B5es-marcam-homenagem-renato-russo-183536286.html>. Acesso: 28/02/2014.

Holograma de Michael pode aparecer em turnê.

Disponível:<http://www.dgabc.com.br/Noticia/31814/holograma-de-michael-pode-aparecer-em-turne?referencia=buscas-lista>. Acesso: 02/03/2014.

Holograma do rapper Tupac revoluciona shows de música pop.

Disponível:<http://pipocamoderna.virgula.uol.com.br/holograma-do-rapper-tupac-revoluciona-shows-de-musica-pop/168955>. Acesso: 02/03/2014.